

com um patear de animal agonizante derribado pelo caçador...

Chegávamos ao umbral da porta. Volvi-me para dirigir o olhar ao lar do do mineiro inválido.

A mulher tornara a sentar-se na cadeira; o homem serpeava na escuridão, resfolegando e desvanecendo-se nela.

Trágico monstro da zoologia social, desapareceu no meio das trevas do fundo com rumor surdo e lento, enquanto o pequerrucho, de novo abandonado sobre os ladrilhos abrilhantados pelo sol, rocava por eles as suas nudezas de anjo rubenesco, aguardando que chegasse a sua hora de descer à mina.

Joaquim DICENTA.

A Caridade

OU A SOPA DOS POBRES

Tenho como injuriosa e contrária à fraternidade humana a piedade do rico para com o pobre. Para lhes falar dos pobres, eu diria aos ricos: evita! aos pobres a vossa piedade são sabem que fazer dela. Porquê piedade e não justiça? Estais em dívida para com eles. Liquidai as suas contas. Não se trata de uma questão de sentimento; é um assunto económico. Se aquilo que gratuitamente lhes dais, é para prolongar a sua pobreza e a vossa riqueza, tal dádiva é inútil e, apesar das lágrimas que nela mistureis, não a fareis equitativa. Há que restituir. Vós dais esmola para não restituir. Dais um pouco para guardar muito. A pobreza é indispensável à riqueza; a riqueza necessária à pobreza. Estes dois males criam-se mutuamente, sustentam-se mutuamente. Não há que melhorar a condição dos pobres: há que suprimi-la... Jamais induzirei os ricos a dar esmola, porque essa esmola está envenenada; a esmola faz bem a quem a dá, mal a quem a recebe; e, enfim, porque sendo a riqueza por si mesma dura e cruel, não é bom que revista enganosas aparências de bondade e de doçura. Eu falaria aos ricos para lhes dizer: Os vossos pobres são os vossos cães; cães que alimentais para que não mordam.

Anatole FRANCE.

UMA COLÓNIA ANARQUISTA EXPERIMENTAL NA INGLATERRA

A ANARQUIA ORGANIZADA

Sob este título, apareceu no *Corriere della Sera* e foi reproduzido pelo *Messaggero* um artigozinho digno de nota, para o qual acho conveniente chamar a atenção dos camaradas e dos adversários que desejem estudar a sério as nossas ideias.

Trata-se da colónia fundada por iniciativa do camarada Kapr, com a ajuda dum tal William Key, em Clouden Hill, na aldeia de Forest Hall, a cerca de oito quilómetros de Newcastle, Inglaterra.

Depois de ter narrado o modo como surgiu a ideia desta colónia, depois de dar breves traços biográficos dos experimentadores, o articulista descreve assim a comunidade anarquista:

«Mas pouco a pouco, com o estudo de métodos e tratados, no que os anarquistas ocupavam os seus serões, com a entrada de novos camaradas, começou a colónia a prosperar. Aplicou-se a cultura intensiva em vasta escala e com resultados esplêndidos. Com o aumento do número de colonos, diminuíram as horas de trabalho; e com o melhoramento da cultura aumentaram os ganhos. E hoje os aldeãos, que a princípio viam com maus olhos os seus bizarros colegas, vão aos domingos visitar Clouden Hill, como a uma granja modelo.

«Os vinte e sete colonos que, sem contar quatro mulheres e as crianças, compõem hoje a colónia, vivem ainda em regime perfeitamente anarquista. Não reconhecem entre si autoridade alguma. Qualquer pessoa pode entrar para a colónia; não lhe exigem senão que trabalhe como os colonos que já lá estão. Nenhum deles pode enriquecer pessoalmente; tudo pertence à colónia.

«Na vida comum, foi suprimido tudo o que é susceptível de indispor os colonos uns com os outros. Não havendo autoridade, não se pode formar partido algum de oposição para a conquistar. Se há discordâncias, por exemplo sobre um método de cultura, discute-se e vota-se; mas a maioria não impõe obrigação al-

guma à minoria, e os dois partidos actuam de acôrdo com a sua opinião própria. Passado um mês ou dois de ensaio, o resultado mostra quem tinha razão e quem a não tinha, e todos se põem de acôrdo. Cada um escolhe o trabalho que mais lhe apraz e que melhor sabe fazer, pelo princípio que «só faz bem o que faz de boa mente».

«A colónia vai amortizando todos os annos o seu débito para com William Key, que adiantou os fundos, de cerca de 1.300 libras, para compra de utensilios e máquinas».

E até este ponto constitue o artigo uma boa resposta à eterna objecção que nos é feita da impraticabilidade das nossas ideias; mas este artigo, que na parte acima reproduzida faz por si mesmo boa propaganda, não acaba assim. O autor, manifestamente burguês, escrevendo em todo caso num jornal conservador, acrescenta ao seu relato algumas notas, com o fim de prejudicar e alterar no espirito do leitor a impressão produzida pela referida descrição. Pretende demonstrar em poucas palavras que o bem éxito da tentativa do nosso camarada Kapr não prova a praticabilidade dum regime anarquista.

É para conseguir o seu intento, apresenta este quesito: «Liquidada a dívida, acentuar-se há um problema grave, que já preoccupa os anarquistas de Clouden Hill: a situação jurídica da colónia em face das leis comuns. Em nome de quem se ha-de pôr a propriedade desde o momento que cada um se nega a assumir uma posição de superioridade para com os camaradas? Quem figurará depois perante o govêrno para pagamento dos impostos?»

«Aqui se revela o lado fraco do ensaio em face dos principios anarquistas».

Entendamo-nos. Como a colónia existe em plena sociedade burguesa, não pode ser considerada, relativamente a todos os entes que a circundam, senão como uma associação qualquer. Claro está que para com os profanos e nas relações de interesse com elles, a colónia, se não quer perecer, tem que se comportar burguesmente. E assim, necessitando

de matérias primas e instrumentos de trabalho, terá que os pagar e tendo de pagar de um lado, de outro tem de vender muitos dos productos que lhe sobejam e de que pode tirar lucro. Do mesmo modo, há-de ter sempre, perante as leis do govêrno inglês, um gerente responsável que, em nome dela, como no duma associação qualquer, responda por todos os encargos a que as referidas leis submetem todas as demais cooperativas, uniões de officio, etc.

A fraqueza do experimento em face dos principios anarquistas não se deve, pois, medir pela maneira como a colónia mantém as relações de interesse com o exterior, mas pelo modo como no interior são pelos seus componentes desempenhadas as funções da vida social. E verdadeiramente a colónia é anarquista de facto, e não sómente de nome, como afirma o autor do artigo. Se a colónia prospera entre os colonos com applicação dos métodos anarquistas (e isto o próprio articulista o diz), anarquista se deve considerar.

O relato do *Corriere della Sera* acaba com uma afirmação um pouco curiosa. Depois de ter declarado que no seio da colónia não existe autoridade de nenhuma espécie, termina por dizer que ao experimento, mais do que ensaio de anarquia, é uma bem ordenada e feliz cooperativa de produção, cujos sócios não quiseram centralizar as funções directivas. Mas uma sociedade sem chefes, que se bazeia na cooperação sem administração centralizada, que vem a ser senão socialismo anarquista da mais pura água?

Seja qual for a opinião dos camaradas sobre a utilidade das colónias anarquistas, e ao mesmo tempo, por mais que os burgueses procurem atenuar a impressão produzida pelo éxito de tais experiências, da feliz tentativa dos camaradas ingleses resalta clara e palpável a justeza da nossa opinião: que a anarquia não é uma utopia.

Luis FABRI.

(*L'Agitazione*, 21 Out. 1897).

N. R. — No próximo número a resposta de Malatesta, dando a sua opinião sobre as colónias experimentais, anarquistas ou de outra espécie.